

## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

#### **‘Alice, prepara o gato!’ - Como nasce um cineasta?**

**Por Mauro Reis**

#### **Resumo**

Este artigo é o relato pessoal do Ponto de Cultura “Alice, prepara o gato!”, uma oficina de cinema que surgiu em Niterói, no ano de 2004, dentro de um Centro de Atenção Psicossocial, que é um dispositivo antimanicomial do Estado. Apesar de não se tratar de uma oficina terapêutica, não se omite do seu contexto da Saúde Mental, e tão pouco do universo de outras experiências populares audiovisuais. Um questionamento sobre o que é preciso para ser um cineasta.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

1 - Videopopular; 2 - Educação Audiovisual; 3 - Ponto de Cultura; 4 - Saúde Mental

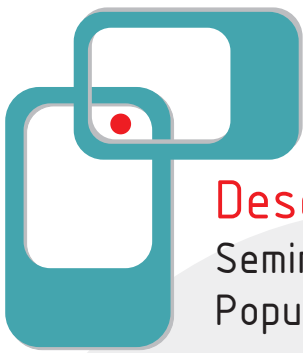
#### **No começo era o verbo (sem verba)**

Ano de 2004. Niterói. Aurélio Aragão, Roberto Robalinho (o Beto) e eu, amigos e colegas do Curso de Cinema da Universidade Federal Fluminense, recebemos um convite que mudou nossos rumos. Cecília Magalhães, também nossa amiga, mas psicóloga, tinha acabado de chegar de Brasília para ser residente em um recém-criado Centro de Atenção Psicossocial, no bairro Fonseca, denominado: CAPS-AD Alameda.

Os CAPS-AD são dispositivos antimanicomiais que se ocupam da atenção de pessoas portadoras de transtornos decorrentes do uso prejudicial de álcool e outras drogas.

Aurélio me disse uma vez, anos depois, que uma das questões principais pra ele, na época, era uma angústia permanente em descobrir uma nova linguagem cinematográfica, uma nova maneira de lidar com cinema. Quem faz cinema no Brasil é um grupo social de uma classe média alta, intelectualizada, com alguma formação sofisticada e com acesso a meios tecnológicos. É um tipo, até. Segundo Aurélio, o que a gente tentou fazer foi perceber que não precisava ir pra Coréia, pro Irã, pro México pra tentar fazer outro tipo de cinema. Tinha aqui ao lado, em Niterói, outro grupo, com vivências totalmente diferentes da nossa e que poderia produzir outro tipo de cinema. Que poderíamos conversar com outro tipo de cinema.

Retornando a 2004, houve uma primeira reunião com a Elisângela Onofre, coordenadora do CAPS-AD Alameda, na época, e Maria Alice, a segunda em comando. Elisângela, bastante animada, assustou-se um pouco com a nossa proposta de dar uma oficina prática. Ou seja, com a feitura de curtas pelos usuários do CAPS. É que a Elisângela pensava em só passar filmes e discuti-los, depois. Nunca passou pela cabeça dela a possibilidade dos usuários produzirem



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

filmes. Engraçado que nunca tinha passado pela nossa cabeça uma oficina sem produção fílmica.

O Beto até me falou que pensava que o trabalho seria, a princípio, menos interessante do que ele foi, e até mais difícil, pela expectativa criada pelas psicólogas, de que os caras eram muito errantes e erráticos. Enfim, com problemas de atenção, de concentração, de memória.

Propusemos uma oficina que tivesse a duração de dois meses com o formato de dois encontros semanais e, como produto final, os filmes realizados pelos próprios pacientes. Durante o primeiro mês deveriam ser feitos exercícios de sensibilização, discussão de alguns curtas-metragens assistidos e elaboração de roteiros em grupo. O segundo mês seria dedicado às filmagens dos roteiros e montagem dos filmes.

Bem, esse foi o nosso planejamento. Dois meses, que viraram uma gestação precisa de nove meses, dividindo um salário-mínimo de oficinheiro por nós três, com minha câmera mini-DV sendo emprestada, e a ilha de edição da UFF compartilhada ao final.

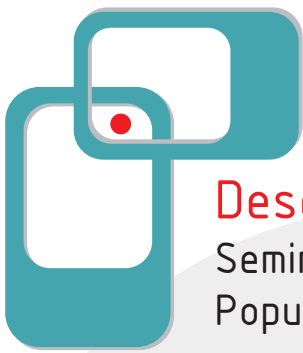
A discussão sobre o plano de aula foi um momento rico. Nós três com vivências diferentes: Aurélio e Beto transferidos da UnB, e eu com algumas oficinas e cursos rápidos de cinema em Minas Gerais. Tínhamos um norte em comum: imaginar a melhor primeira oficina que cada um de nós gostaria de ter realizado. Daí, pensamos num curso que não fosse carregado por termos técnicos, sempre precedido de um curta-metragem e que em cada dia buscássemos a participação dos alunos através de exercícios e brincadeiras.

Além de não ser ‘terapêutica’, a outra diferença desta oficina para as demais do CAPS era o seu tempo de duração determinado. Tinha início, meio, fim e metas a cumprir. Parece ridículo falar assim num contexto de experiências populares em audiovisual, mas não nos esqueçamos: o texto está embriagado do mundo psi. Pois bem, sobre o início-meio-fim, tem a ver com o tal do gozo (na interpretação ‘psi’ do termo). Os dependentes de álcool querem o gozo sem cessar, não suportam interrupção. E não se filiam a nada. Foi mais ou menos isso que me explicaram.

Cecília disse que era difícil definir *a priori* como se encaixaria uma proposta desse tipo como parte do tratamento no CAPS. Tentaram por tentar definir, justificando pela negativa, o interesse pela oficina: não se trata de mero entretenimento ou atividade cultural, nem é, tampouco, projeto pedagógico ou de capacitação. Também não se trata de terapia ocupacional, nem de arte-terapia. Aliás, se perguntava Cecília: haveria um caráter terapêutico nessa atividade? Parece incomodá-los a ideia de que algo que fazem como profissionais da Saúde Mental não seja terapêutico. Daí, talvez, coloquem a palavra ‘terapia’ como sufixo de cada atividade ou proposta que fazem, pois isso acaba os apaziguando.

#### **Oficina de Imagens do CAPS**

06 de abril de 2004. Primeiro dia da oficina, em um refeitório adaptado como sala de aula. Eu, Aurélio, Beto: os professores. Cecília, a psicóloga que nos iria acompanhar. E Érica Vieira, a



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

psicóloga estagiária. Uma televisão antiga de 20 polegadas emprestada e um videocassete conseguido no último momento. Videocassete também velho e meio que doado.

Claro, nós professores tínhamos, além do medo de dar aula, uma grande ansiedade sobre o que nos esperava. Aliás, não nos víamos como professores. E que alunos seriam aqueles? O monstro que pintaram pra gente iria, de fato, nos engolir e, com sorte, cuspir de volta pelo menos um de nós?

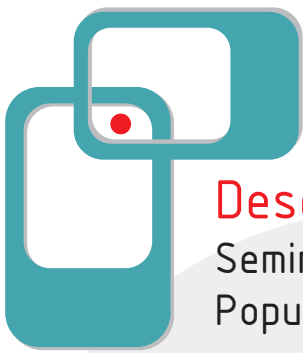
Todo o senso comum sobre o mundo da Saúde Mental me atravessava. Tateava até para entender a linguagem usada com novos significados: gozo, transtorno, psicótico. Tinha a sensação de ter caído de pára-quadras em um lago da Chechênia.

Os alunos-pacientes foram chegando. Montamos a sala com as cadeiras em círculo para evitar hierarquias espaciais. Eram todos mais velhos que nós. Apresentamo-nos, falamos um pouco do curso e de alguns objetivos. Dissemos algo do tipo: ‘agora, veremos um curta-metragem’. E lá fui eu, ex-operador de VT da Globo, colocar o instrumental pra funcionar. Um cara acostumado a fazer cópias de tudo quanto é tipo e formatos. Do vídeo de 1 polegada à alta definição. É, sou eu. Mauro. Quando nasci, Deus apontou o dedo pra mim e disse: ‘esse é o cara dos videocassetes e afins!’. Lá fui eu, artilheiro divino dos suportes magnéticos, passar um curta-metragem gravado numa fita VHS na televisão. Vocês já ouviram falar naquela história dos 300 homens de Esparta, que lutaram contra milhares de guerreiros persas? Que deu até um filme, com Rodrigo Santoro fazendo papel de vilão: ‘300’. Trezentos homens. Pois eu, o rei Xerxes dos VTs, fui vencido por 300 ohms.

Um videocassete mais ou menos velho sempre briga com uma televisão mais velha ainda. Sabe aqueles cabinhos RCA, aqueles três coloridinhos, amarelo, branco e vermelho? TV velha não tem. A ligação tem que ser feita por cabo RF, cabo de antena. Por isto, experiente que sou, levei meu cabo RF pra aula. Só que o de 75 . O da TV velha era de ‘300’. Impedância. Impedimento. Trezentos ohms no meu ‘Desfiladeiro das Termopilas’. Meu reino por um adaptador!

Brinco agora, mas todas minhas angústias e inseguranças me empalaram naquele instante. Diante daquele monte de pares de olhos me fuzilando, sentenciei: ‘Bem, gente. Eis a primeira lição do cinema. Merdas acontecem!’ Aurélio e Beto se assustaram: todo nosso plano de aula, que era baseado naquele bendito curta, foi por água abaixo. Mas nesse primeiro erro a gente já inverteu o parâmetro, porque mesmo passando um filme que era aberto, já trazíamos um parâmetro de cinema. Nesta aula, passamos a perguntar quais filmes eles tinham visto e quais experiências deles dariam um filme.

Conto isto em detalhes porque foi um momento definidor. Nessa hora que a gente começou a ouvir, muito mais do que mostrar um parâmetro do cinema, ali pautou a gente pra sempre. Com esse erro, muito mais do que se precaver com questões técnicas (que são



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

importantíssimas), a gente percebeu que o que iria render mais era aproveitar as experiências imaginárias dos usuários-alunos do CAPS-AD Alameda. E com isso, foi criado, um pouco tortuosamente, nosso dogma primeiro: tudo que a gente ali for produzir, só poderá ser a partir da nossa posição de ouvinte e de provocador. Toda produção parte daí. Eles fariam tudo: roteiro, câmera, som, direção. A gente coordenaria a produção e operariamos a ilha de edição. Edição acompanhada, discutida e decidida por eles.

Essa quase certeza veio se confirmar já na aula seguinte. Discutimos o filme. Mas, desta vez, sempre ouvindo mais do que falando. E passamos um exercício, distribuindo fotos. A partir dessas fotos, teriam que contar uma história, cada um.

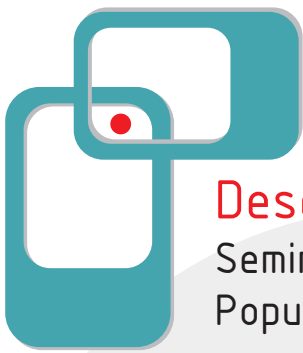
Ao final das aulas, nos reuníamos com a equipe do CAPS. Isso foi importante pra gente, que não era da área de saúde mental, ter pistas sobre quem era tal usuário, quais suas angústias, o que estava acontecendo com ele naquela semana. Pra meu alívio, tudo passava pelo bom senso. Algumas falas das psicólogas me chamavam a atenção. Segundo elas, as histórias iniciais constantemente tinham a bebida como fator principal. Mas a gente não supervalorizava esse aspecto, como nas outras oficinas terapêuticas. O que é fato, pois nossa preocupação, era com a narrativa. Se a bebida (ou qualquer outro elemento) destoava narrativamente da história, a gente ponderava a questão com os alunos.

Mas, para a equipe do CAPS, tal fato foi quase que uma grande descoberta. A não imposição terapêutica, num dado contexto, funcionava como consequência desejada, transferindo a responsabilidade para o próprio paciente.

Pinço um exemplo, no caso de um exercício com fotos. Uma dessas imagens mostrava uma freira caída na frente de um ônibus. Carlos Augusto, um dos alunos, escolheu falar dela e contou a seguinte ‘história’: “é uma freira caída na frente de um ônibus”. Grande malandro! Isso não é história, é uma descrição bem concisa da foto. O paciente avança um pouco mais e conta rapidamente por que a freira havia caído. Ainda não constituía uma história. Era preciso mais: início, meio e fim, conflito, clímax e solução para o conflito.

Segundo Cecília, o que havia era um pedido para melhor contarem suas histórias e, por isso, muitas perguntas motivadoras eram colocadas. Em determinado momento o paciente da foto da freira que, a cada questão, ia construindo sua história, disse em tom irônico: “assim vocês estão me pressionando!”. Ao que afirmei: “É isso mesmo que a gente quer!”.

Emblemático esse momento. Porque, geralmente, os pacientes optavam por construir histórias simples, sem muito conflito e com um final feliz. Histórias moralistas até a medula! E a gente tinha sentido que eles não eram assim tão certinhos. Seus comentários eram críticos, bonachões, carregados de sutilizas sacanas, ou de escrachos explícitos. Riam de todos e de si. Mas, na hora de pensar o vídeo, eles pareciam querer fazer aquilo que os outros esperavam que fizessem. Mas era um medo de errar, mesclado a uma grande baixa auto-estima, em minha



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

opinião. Não acreditavam que seus próprios discursos pudessem ser dignos de uma obra audiovisual, ou então achavam errado subverter os paradigmas da televisão.

O que ia de encontro, um pouco, com o nosso segundo dogma da oficina, podemos dizer assim. Não existe nem certo, nem errado. Apenas escolhas. Ou se escolhe fazer um filme que fale das tuas questões, ou esconder tuas angústias na sombra de uma narrativa padrão, por exemplo. E, à medida que as aulas passavam, a gente foi ficando cada vez mais provocador.

Três curtas nasceram desta oficina primeira. Um deles, “A Re-inauguração do CAPS”, começou a passar em diversos festivais de cinema. E isto foi um susto pra gente, e quase um puxão de orelha. Não focávamos o produto final, mas só o processo. Maldade. Eles eram mais do que capazes de fazerem filmes interessantes. Daí, com a repercussão deste curta, decidimos também a objetivar a feitura do melhor filme possível.

#### **Ponto de Cultura ‘Alice, prepara o gato!’**

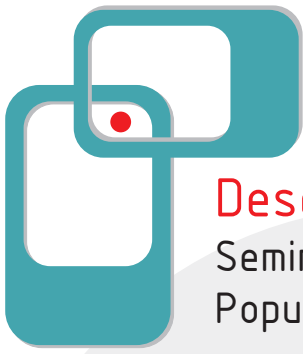
Final de 2005. Ganhamos o edital de Pontos de Cultura do Ministério da Cultura. Eba! Não precisaríamos dividir mais um salário-mínimo por três. E pudemos comprar uma câmera, microfone e, importantíssimo, uma ilha de edição (que evitava deslocamentos, que sempre eram problemáticos, financeiramente falando).

Aproveitamos e criamos o terceiro e último dogma, o primeiro direcionado aos alunos: era proibido falar do CAPS! Afinal, os três primeiros curtas eram CAPS-AD Alameda puro. Nada mais natural trabalhar com aquilo que você tem mais segurança, dizer do ambiente em que se vive. A maioria dos primeiros filmes de oficinas é assim. Com essa única proibição, desafiávamos os alunos a falar do mundo.

Outra mudança importante, mas que já era planejada e bem quista por todos nós: misturar-se com as pessoas de fora do CAPS. O que vinha de encontro com a lógica de um dispositivo antimanicomial, mas carregava algumas preocupações. Quem viesse de fora teria que ter a sensibilidade de prestar atenção no outro e às suas dificuldades. E teríamos que ter o cuidado desse outro de fora não sobrepujar, ou melhor, não intimidar os usuários do CAPS.

Na última oficina, por exemplo, tivemos duas alunas de 16 anos, vindas de escola pública, trabalhando juntas ao nosso famoso Mosquito, usuário do CAPS, quase cinquentão, morador de rua convicto. E a troca entre eles foi riquíssima.

Juntando isso tudo à experiência do primeiro ano, certa característica do ‘Alice, prepara o gato!’ se formou. Não há uma grande quantidade de alunos. Muito pelo contrário, são bem poucos. E, por isso, o trabalho individual é mais intenso. E não é uma oficina técnica profissionalizante. Longe disso. A ênfase é desvelar questões pessoais e transformá-las em obras audiovisuais.



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Alguns corresponderam e decidiram continuar, ao término da oficina. Criamos então um Grupo de Produção, para produzir outros trabalhos, aprofundar questões estéticas e técnicas, e também para gerir o Ponto. Isso não estava previsto no nosso projeto para o edital. O Grupo de Produção deu muito certo, mas teve algumas consequências que bateram na gente e, claro, refletiram no trabalho. Mais trabalho se juntou ao pouco dinheiro. E o convênio com o Ministério da Cultura já chega ao fim.

Agora, é arregaçar as mangas e procurar jeito de continuar. Pra um futuro em médio prazo, uma boa notícia: o mané aqui ganhou o prêmio de edital de roteiro de ficção, longa-metragem (SEC-RJ): “O Desejo viaja de trem”. E será uma co-produção entre o ‘Alice, prepara o gato!’ e a nossa produtora.

Uma outra questão. Quando qualquer um vai fazer cinema, não vai apenas para produzir um filme. Se se pergunta por que alguém faz cinema, necessariamente se falará de uma história deste alguém, de seu medo, angústias ou sonhos, alguma coisa pensada que provoca uma comoção ou relembra outra pessoa. O cineasta faz um filme com este caráter meio terapêutico, no sentido de revelação de uma coisa profunda. Que não é terapia de cura, não é fazer o sujeito se livrar de uma doença mental catalogada ao longo da cultura da saúde mental. Não é nada disto, mas simplesmente falar das angústias e ansiedades da vida.

E, afinal, como nasce um cineasta? O cineasta Mauro renasceu em 1999, quando entrou na UFF. Morreu em vários momentos de crise, para renascer novamente. Como em 2004, com o ‘Alice, prepara o gato!’. Nascem cineastas a cada dia. Também morrem. Alguns, para jamais ressuscitar depois. Outros, morte prematura. Não raros, natimortos.

Para ser cineasta não precisa ter um lado cognitivo de diamante. Não necessita ser um gênio da raça. Nem tampouco precisa pertencer ao grupo de classe média alta intelectualizada, com uma educação sofisticada e acesso às tecnologias audiovisuais. Não deveria, pelo menos.

Tinha que depender apenas do sujeito. Para ser cineasta, basta querer sê-lo. Porque todos têm direito a ser cineastas. A serem cineastas em algum momento da vida. E a escolherem quando querem morrer e renascer. Ou, simplesmente, morrer. Porque, em última instância, o cineasta não é um sujeito diferente de todos, iluminado. Mas com os caminhos de suas escolhas iluminadas, nem que seja minimamente, pra que se possa caminhar, mesmo que tropeçando aqui e ali.

#### **MINICURRÍCULO**

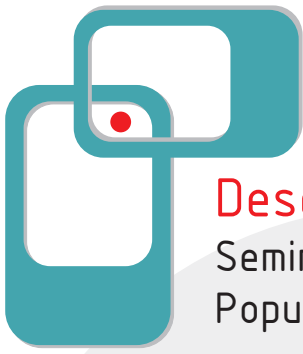
Mauro Lúcio dos Reis Corrêa, 35 anos

Coordenador do Ponto de Cultura ‘Alice, prepara o gato!’

Sócio-Fundador da produtora audiovisual “Rocinante Produções Artísticas”

Conselheiro Cinema do Conselho Municipal de Cultura de Niterói

Formado em Cinema pela UFF



## Deseducando o olhar

### Seminário Nacional de Educação Popular em Audiovisual

Formado em Educação Física pela UFMG

Professor de Educação Física em escolas públicas da periferia de Belo Horizonte

1º Lugar no Edital de Desenvolvimento de Roteiros de Longa de Ficção, da SEC-RJ

[alicepreparaogato@yahoo.com.br](mailto:alicepreparaogato@yahoo.com.br)

#### **BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO**

‘Alice, prepara o gato!’ é um núcleo audiovisual criado em 2004 e, em 2005 se transformou em ponto de cultura (convênio Ministério da Cultura). Funciona no Centro de Atenção Psicossocial Alameda e oferece para seus pacientes, familiares, bem como os moradores do entorno, acesso à linguagem audiovisual e capacitação técnica para efetiva realização dos filmes.

**[www.alicepreparaogato.wordpress.com](http://www.alicepreparaogato.wordpress.com)**